

Zé Ibarra expande suas fronteiras musicais em 'Afim'

PÁGINA 3



Mariza Leão discorre sobre o futuro do cinema

PÁGINA 5



Mostra une as cidades litorâneas Rio e Nice

PÁGINA 7



2.º CADERNO

Hora de trocar os óculos de leitura

Gregório Duvivier traz 'O Céu da Língua' de volta aos palcos cariocas

Por Affonso Nunes

Após uma bem-sucedida turnê por dezenas de cidades no Brasil e em Portugal, que atraiu mais de 60 mil espectadores, o espetáculo "O Céu da Língua", estrelado e escrito por Gregório Duvivier, faz nova temporada no Rio a partir desta quinta-feira (7). A montagem, dirigida por Luciana Paes, estará em cartaz no Teatro Casa Grande, no Leblon.

Em formato de monólogo cômico, Duvivier propõe uma reflexão sobre a presença, muitas vezes invisível, da poesia no cotidiano. O artista, que é formado em Letras pela PUC-Rio e autor de três livros sobre o gênero literário, busca desmistificar a poesia, apresentando-a como algo prazeroso e divertido, acessível a todos. "A poesia é uma fonte de humor involuntário, motivo de chacota", reconhece o ator. "Escrevi uma peça que pode ajudar alguém a enxergar melhor o que os poetas querem dizer e, para isso, a gente precisa trocar os óculos de leitura".

Continua na página seguinte

Gregório Duvivier em 'O Céu da Língua', espetáculo em que o ator mescla seu humor tradicional com erudição



A direção de Luciana Paes, conhecida por sua parceria com Gregório nos improvisos do espetáculo “Portátil” e uma das fundadoras da Cia. Hia-to, marca sua estreia na função de diretora teatral. “Acredito que o Gregório tem ideias para jogar no mundo e, com essa crença, a coisa me move independentemente de qualquer rótulo”, diz Luciana. No palco, a cenografia de Dina Salem Levy e a ambientação musical de Pedro Aune, que utiliza o contrabaixo, complementam a atuação de Duvivier. Theodora Duvivier, irmã do comediante, é responsável pela criação visual e projeções exibidas ao fundo da cena.

“O Céu da Língua” não se configura como um recital tradicional. Segundo Luciana Paes, a dramaturgia de Gregório não deixa de ser poética neste “stand-up comedy pegadinha”, como ela bem define. “O Gregório simpático e engraçado está no palco ao lado do Gregório intelectual com seu fluxo de pensamento ininterrupto e imagino que, por isso, a plateia deve embarcar na proposta”, aposta a diretora. “Ele, graças aos seus recursos de ator, pega o público distraído e ninguém resiste quando é surpreendido por alguém apaixonado.” A peça aborda a obsessão de Duvivier pela palavra, pela comunicação verbal e pela língua portuguesa, explorando desde as reformas ortográficas e a ressurreição de palavras esquecidas até o humor extraído de termos que geram sensações estranhas.

Para o artista, a língua é algo que nos une, nos move, mas raramente damos atenção a ela. É só pensar nas metáforas usadas no cotidiano - “batata da perna”, “céu da boca”, “pisando em ovos”. Nesta hora, usamos a poesia e nem percebemos. O espetáculo também destaca a poesia presente em metáforas cotidianas e homenageia grandes letristas da música brasileira, como Orestes Barbosa e Caetano Veloso, cujas canções “Chão de Estrelas” e “Livros” são citadas. “Os nossos compositores conseguiram realizar o sonho de Oswald de Andrade de levar poe-



A obsessão de Gregório pela palavra

Para Gregório Duvivier, a língua é algo que nos une, mas raramente damos atenção a ela

sia para as massas”, festeja o ator.

Nesta cumplicidade com a plateia, Gregório mostra gradativamente que a poesia não tem nada de hermética e, claro, homenageia Portugal, o país que emprestou ao Brasil a sua língua para que todos se comunicassem. Além de Fernando Pessoa, o ator evoca o poeta Eugênio de Andrade e lembra de que a origem de “O Céu da Língua” está relacionada ao espetáculo “Um Português e Um Brasileiro Entram no Bar”. O divertido intercâmbio linguístico

colocou no mesmo palco Gregório e o humorista luso Ricardo Araújo Pereira em improvisações sobre o idioma que os une. “Ele é um cara apaixonado pela palavra, então, a gente entrava em cena e falava, emendava um assunto no outro e, quando acabava a peça, ainda tinha muito a dizer”, lembra Gregório.

Vem de Portugal também uma das maiores inspiração de Gregório, inclusive para a criação do coletivo “Porta dos Fundos”, que, a partir de 2012, ditou através

da internet uma nova linguagem de humor no Brasil. Trata-se do Gato Fedorento, quarteto formado em 2003 por humoristas portugueses, entre eles Araújo Pereira. Depois de criarem um blog, os integrantes do Gato Fedorento chegaram até a televisão e lotaram teatros, influenciando Gregório e os colegas brasileiros Antônio Tabet, Fábio Porchat, João Vicente de Castro e Ian SBF no “Porta dos Fundos”. “Temos uma reparação a fazer porque o Brasil recolonizou Portugal, e eles consomem mui-

to mais a cultura brasileira que a deles”, avalia Gregório. “Por isso, esse intercâmbio deve ser mais explorado porque existem coisas geniais que não conhecemos.”

SERVIÇO

O CÉU DA LÍNGUA

Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 291 - leblon)

De 7 a 31/8, de quinta a sábado (19h) e domingos (16h)
Ingressos a partir de R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Elisa Maciel/Divulgação

Zé Ibarra busca novas sensações para sua música

Cantor e compositor estreia segundo álbum solo que mescla MPB, jazz e rock progressivo com show no Teatro Riachuelo

Por Affonso Nunes

Celebrado como um dos nomes mais interessantes da Novíssima MPB, o cantor e compositor Zé Ibarra sobe ao palco do Teatro Riachuelo nesta quarta-feira (6), às 20h, para apresentar seu mais recente trabalho, o álbum “Afim”. O disco ergue pontes entre diferentes estilos, da MPB a sonoridades jazzísticas,

passando pelo rock progressivo e pelo pop. A produção revela um artista em pleno domínio de suas ferramentas criativas. Entre as colaborações de destaque estão o violoncelista e arranjador Jaques Morelenbaum, figura fundamental da música instrumental brasileira, e o coletivo Copacabana Horns. O repertório do álbum equilibra as composições autorais com versões de artistas contemporâneos como Sophia Chablau, Tom Veloso, Ítallo França e a parceira Dora Morelenbaum - sua colega de Bala Desejo. Demonstrando assim a capacidade de Ibarra tanto como compositor quanto como intérprete. “Este projeto é uma tentativa de, me aproveitando do que em mim é natural e espontâneo, repaginar e trazer uma nova



Zé Ibarra expande seus horizontes musicais no álbum ‘Afim’

sensação à minha música. Sensações que já vinham dentro de mim há muito tempo, mas que eu ainda não tinha conseguido encarnar em uma obra”, disse ao portal TMDQA.

SERVIÇO
ZÉ IBARRA - AFIM
Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 40 – Cinelândia) | 6/8, às 20h | Ingressos a partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Demi em nova fase

Demi Lovato lança “Fast”, novo single de dance-pop que marca o início de uma nova fase artística. A faixa, produzida por Zhone (Kylie Minogue, Troye Sivan, Kesha), antecipa seu nono álbum de estúdio. O videoclipe, dirigido por Daniel Sachon, apresenta uma estética de recomeço e controle total. A cantora estabelece um tom de clareza absoluta nesta nova era, deixando para trás as cicatrizes do passado. A versão física já está em pré-venda na UMusic Store, consolidando esta transformação musical.

Divulgação



Sonoridade pop

Junior Lima lança “Sobre Nós”, nova faixa disponível nas plataformas digitais. A música, composta pelo cantor em parceria com Bibi, Mayra e Lucas Vaz, explora uma relação amorosa complexa com sonoridade pop. “Fala sobre uma história de amor meio tóxico, uma relação que não é muito saudável. Ao mesmo tempo, é romântica, lenta e leve”, define o artista. A canção integra seu trabalho solo e ganha videoclipe com performance intimista em ambiente doméstico. A produção marca a evolução do universo musical que Junior vem desenvolvendo em sua carreira individual.

Guto/Divulgação



Em português

Adi Oasis lança “Cheirinho”, primeira música em português da multi-instrumentista francesa. A faixa, composta no Rio em parceria com o duo Yoùn, formado pelos cantores e compositores Shuna e GP, celebra o amor materno e mistura funk, soul e influências brasileiras. “‘Cheirinho’ é mais do que uma canção: é uma ponte afetiva entre continentes, culturas e fases da vida”, explica a artista. A música nasceu durante sessão no estúdio carioca, quando Adi estava grávida. “Eu sentia minha filha chutando na barriga enquanto escrevíamos”, relembra.

CORREIO CULTURAL

CRÍTICA / DISCO / BRAZILIAN SUITE Nº 1 FOR PIANO AND VIOLA

Tão erudito, tão popular... tão lindo!

Reprodução Instagram



Divulgação

O espólio de Jackson autorizou o uso das canções

BTS grava inédita de Michael Jackson para álbum póstumo

O grupo de K-pop BTS gravou uma música inédita que seria lançada por Michael Jackson anos antes de sua morte. A informação é do jornal The Irish Sun.

Segundo a publicação, há ao menos dez músicas que haviam sido compostas para que o Rei do pop lançasse um álbum intitulado "Next Thriller".

Todas elas haviam sido criadas para Michael num período de reclusão artística dele na Irlanda, como afirma Paddy Dunning, dono do estúdio Grouse Lodge. É ele o responsável por chamar artistas para interpretarem as canções do disco que nunca foi lançado. O espólio de Michael Jackson autorizou o uso do material inédito.

Renovação?

Na semana seguinte à saída de Eliane Catanhêde, Daniela Lima também deixa a GloboNews, após dois anos no canal. Em nota, a comunicação da Globo diz que as saídas são "parte do movimento permanente de renovação do quadro do canal".

Clube do ódio

Milton Nascimento acionará a Justiça após ser alvo de ataques na internet pelo processo que está movendo contra o Cruzeiro. Ele, a Sony Music e irmãos Lô e Márcio Borges questionam o uso indevido da canção "Clube da Esquina nº 2" em suas redes.

Renovação? II

Daniela Lima anunciou a saída em suas redes sociais. Ela voltaria de férias nesta segunda (4). "Depois de dois anos, deixo a GloboNews com a sensação de missão cumprida, cabeça erguida, ávida pelos próximos desafios", escreveu.

Clube do ódio II

"Lamentamos profundamente o ódio destilado nas redes sociais contra Milton, com ataques etaristas e ofensivos, que nada têm a ver com o mérito da questão", diz a nota publicada na conta oficial do artista no Instagram.

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje vamos de "Brazilian Suite Nº 1 for Piano and Viola" (Azul Music), álbum do paulistano, compositor e educador musical João Marcondes. Em seu terceiro álbum, ele solidifica um dos projetos camerísticos mais consistentes e autorais da música brasileira contemporânea.

A suíte foi composta especialmente por Marcondes para o violista Silvio Catto (spalla das violas da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo). E foi justamente o som de sua viola que reavivou no compositor o entusiasmo para escrever as partituras hoje registradas.

A pianista Ariã Yamanaka (instrumentista com atuação em formações como a Orquestra Jovem do Estado) foi a escolhida para o duo com Catto. E eles esmeraram-se para refletir o que veio da verve de Marcondes: amplas variações harmônicas, melódicas e rítmicas, reveladas por uma linguagem instrumental que buscou na tradição popular a sinopse com a erudição, presente nos cinco temas da Suíte No.1. Modernidade e ancestralidade ajuntadas para regozijo de quem não teme descobrimentos. Vamos a eles.

Toada: uma nota grave do piano em pedal inicia. A viola vem encontrá-la e sola a melodia. O pedal segue intercalado com breves movimentos da viola. A toada soa embalada pela repetição do tema principal, matutando a naturalidade do gênero, predicado da quietude interiorana. A erudição na toada se mostra apta à parceria com o movimento popular característico de um ser(tão) simples.

Samba: novamente, o pedal grave de uma nota do piano antecede o tema que vem com a viola. Na sequência, o piano improvisa, para logo vir à toma um desenho,



Músico e educador, Marcondes lança novo álbum

Divulgação



meio aflitivo, que atrai um samba profundo em seu ritmo.

Song: um acorde como intro antecipa o que resta lúdico em meio às notas graves do piano, amparadas pela viola em aparecido encanto – lindo encontro com o dedilhado do piano. E ambos se revelam íntimos na tradução do anseio composicional de Marcondes, aqui revelado com maestria.

Frevo: o piano vem numa levada que sugere o passo estilizado do frevo, mas nem por isso menos pernambucano. A viola se esmera em erudição absolutamente com-

patível com o fervor do passo.

Choro: um acorde repetido do piano convida o tema. Sempre tendo a viola como cúmplice dessa histórica parceria, o choro vem cadenciado. O acorde inicial retoma o tema, assim fechando a tampa do trabalho de João Marcondes e seus parceiros Ariã Yamanaka e Silvio Catto.

Penso ter-lhes trazido uma amostra do quanto o erudito não é antagônico ao popular. Ao contrário, são complementares em seus requintes; contrastantes em seus acordes; plurais em suas harmonias. Só grandes compositores e grandes instrumentistas são capazes de levar a cabo a sintonia que trazem em si, em sol... em mi(m). Ouça o álbum em <https://acesse.one/2W3ux>.

Ficha Técnica: composições e direção artística: João Marcondes; gravação, mixagem e masterização: Adonias Souza Jr. (Estúdio Arsis)

*Vocalista do MPB4 e escritor

ENTREVISTA / MARIZA LEÃO, PRODUTORA

'Talvez o cinema tenha acabado ou esteja em vias de...'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Kikito, deus-sol dos Pampas, sorridente como ele só, há de iluminar a cinefilia da Serra Gaúcha pela 53ª vez na História - de 1973 até hoje - assim que começar mais um Festival de Gramado, de 15 a 23 de agosto, coroando Mariza Leão com um merecido tributo. O troféu disputado por longas e curtas-metragens em concurso no evento é xará da entidade pampeira supracitada, já a láurea que a produtora carioca de sucessos como "Meu Nome Não É Johnny" (2008) ganhará no próximo dia 18 se chama Eduardo Abelin. Ela foi batizada em respeito ao realizador nascido em Cahoeira do Sul (RS), em 1900, e morto em 1984, responsável pelos clássicos "O Castigo do Orgulho", de 1927, e "O Pecado da Vaidade", de 1932. Em geral, o prêmio que relembra sua glória fica com cineastas (tipo Laís Bodanzky, Joel Zito Araújo, Cacá Diegues), mas, como Mariza já produziu tantas vozes autorais e já encheu tanto o circuito de pagantes, ela acabou sendo escalada para o rol de homenagens de Gramado em 2025. Na abertura da maratona sulista, Rodrigo Santoro vai lá exibir "O Último Azul" (Grande Prêmio do Júri na Berlinale, em fevereiro) e buscar o Kikito de Cristal. No dia 19, Marcélia Cartaxo conquista o troféu Oscarito por todo o seu êxito como atriz. Cabe à leoa da produção nacional uma distinção que coroe seu capricho com o cinemão. Produziu



Ana Alexandrino/Divulgação

campeões de bilheteria que somam cerca de 20 milhões de ingressos vendidos, como a hilária franquia "De Pernas Pro Ar" (2010 a 2019). No dia 16/8, ela lança por lá a série "Máscaras de Oxigênio (Não) Cairão Automaticamente", que fez barulho na Europa ao passar pelo Festival de Berlim. Tem um longa com Ingrid Guimarães já no forno. Fala de você, Mariza. Diz aí...

O troféu Eduardo Abelin tinha cineastas como foco, por tradição, mas abre, com orgulho e norte estético, espaço para um pilar da produção no país. O prêmio, ao ser confiado a você, celebra toda uma linhagem de grandes produtoras/es de nosso cinema. Hoje, em 2025, que desafios rondam a sua profissão?

Mariza Leão: Como disse Scorsese, talvez o cinema tenha acabado ou esteja em vias de... Perdemos o mais precioso bem de nossa atividade: a independência. A liberdade. No Brasil, com um modelo de investimentos que confunde a produção audiovisual com políticas de integração e compensações via cotas, preterindo o maior tesouro que é o conteúdo, deixamos de impulsionar uma indústria audiovisual da forma adequada. Falta coragem para reconhecer que a conquista do mercado - na eterna competição com os blockbusters americanos - exige que as histórias a serem contadas tenham grandeza de produção. Basta ver que a performance positiva de bilheteria este ano é de filmes em torno ou acima de R\$ 15 milhões

Qual é o seu histórico com Gramado e de que forma você avalia a relevância do festival para pensar a produção no país?

Mariza Leão: Desde os anos oitenta, quando levamos "O Sonho Não Acabou", "O Homem da Capa Preta", "Doida Demais", "Quase Nada" e "O Quarto Ao Lado" para Gramado, esse festival nos abraçou e nos proporcionou conviver com muitos profissionais que se tornaram nossos amigos. Também pudemos ter contatos diretos com críticos que respeitamos. Gramado enfrentou todas as batalhas que o cinema brasileiro enfrentou. E por último enfrentou a enchente no Rio Grande do Sul no ano passado. Estar em Gramado é uma honra e uma alegria.

Você deu à crônica de costumes (em forma de comédia) do Brasil um outro ânimo com "De Pernas Pro Ar". Que relevância essa franquia teve para a sua carreira e o que podemos esperar da sua atuação nessa esfera de gênero?

Mariza Leão: A comédia foi meu maior desafio. Fazer rir é muito difícil. O "Pernas", "Meu Passado me Condena" e "Um Tio Quase Perfeito" souberam atingir esse objetivo sem perder a elegância cinematográfica. Em outubro, lançaremos o novo filme da Ingrid Guimarães, minha parceira, "Perengue Chique", dirigido pela Flavia Lacerda e produzido também pela Amazon. Este filme já foi quase 100% produzido pelo Tiago Rezende que, junto com o Thiago Pimentel, tem renovado a nossa produtora. Pimentel é autor e produtor da série "Máscaras de Oxigênio (Não) Cairão Automaticamente", dirigida pelo Marcelo Gomes e pela Carol Minem (que nasceu mundialmente na Berlinale, em fevereiro). Lançamos em 31 agosto na HBO Max. Sobre novas comédias: estamos com dois projetos em desenvolvimento.

O que o formato das séries/minisséries hoje simboliza para você como investimento?

Mariza Leão: Séries e minisséries são formatos que me atraem. "Meu Passado Me Condena", da Julia Rezende, começou como série. Fizemos também "Questão de Família", com três temporadas dirigidas pelo Sergio Rezende - antes dos streamings chegarem ao Brasil. "Todo Dia A Mesma Noite", dirigido pela Julia Rezende, mostrou que a (empresa produtora) Morena tem DNA forte nesse formato.

Qual foi o momento da sua carreira em que, pela primeira vez, você sacou e sentiu: "sou uma produtora agora"?

Mariza Leão: Descobri isso bem cedo, quando convivi com muitos diretores iniciando as carreiras e sonhando em fazer filmes. Olhei pra todos eles e pensei: quem vai viabilizar esses sonhos, esses projetos? Saquei que era eu.

Paulo-Roberto Andel

Mr. Éter, o Príncipe de Copa

Ele caminha pelas ruas do bairro que nunca dorme, usando uma camiseta furada e um short sujo. Está sempre sozinho, sempre sozinho.

Praticamente não fala, às vezes ri quando para no balcão do botequim e bebe um gole d'água pensando que é cachaça.

Tem cerca de dois metros de altura e uns 150 quilos - se quisesse poderia ser um rei da violência nas noites de Copacabana, mas é um homem pacífico que dorme sempre na mesma esquina, aguentando calado todo sofrimento e miséria.

Sua única companhia é uma garrafa de éter, que ele carrega como uma filha, a filha que não teve ou que pode ter perdido numa tragédia - ninguém sabe ao certo - falam muitas coisas. Éter, muito éter, dá para sentir o cheiro da outra esquina.

Como esse grande homem sobrevive?

Como seu coração aguenta há tanto tempo?

Os garotos do bairro o conheciam nos anos 1970, ele atravessou os 1980 e chegou aos 1990. Ninguém sabe seu nome, é o Sr. Éter, Mr. Éter, o Éter. Um homem gigantesco, maltrapilho mas ativo, cujo tamanho denuncia uma possível infância bem criada que antecedeu a tragédia das ruas.

Ele pode ter sido um médico que viu a morte da própria filha, ele pode ter perdido toda a família no grande incêndio do circo em Niterói, ele pode ter sido muitas pessoas, mas só Copacabana tem um mendigo que é uma celebridade, que delicadamente dá de ombros a todos os moradores locais mas é conhe-

cido por todos eles. Todos o conhecem, todos o respeitam, ninguém lhe estende a mão.

Mister Éter vai e vem por Copacabana inteira mais o Leme. É um patrimônio do bairro porque talvez ele represente o drama, a indiferença, a tristeza e a resiliência que Copacabana chega a exigir.

O recurso de falar deste personagem no presente é uma farsa, já que ele morreu há muitos anos, mas ao mesmo tempo vale porque ele seria um personagem plausível no bairro mais fascinante do Brasil.

Viveu, sofreu, morreu e ninguém soube seu nome, sua origem e o que levou a tantos anos de entorpecimento e resistência.

Ninguém lhe estendeu a mão, mas quando deixou a vida houve quem derramasse lágrimas em Copacabana, ainda que elas também contivessem certa hipocrisia.

Mister Éter foi presença, tragédia e mistério - o famoso mais escondido da história da Princesinha do Mar. Nunca pediu esmolas, nunca foi agressivo, passou a vida ensandecido pela substância e navegando pelas artérias de Copacabana.

Seu único pouso certo era a esquina de Barata Ribeiro com Constante Ramos, onde dormia numa calçada vermelha elevada, ao lado de uma quitanda e da Farmácia Piauí.

Ele morreu, as lojas também morreram, a Sorveteria Bolonha do outro lado da rua também morreu e só restou a calçada para rememorar um dos personagens mais conhecidos e desconhecidos do Rio. O príncipe da miséria, cheio de elegância.



Cena de 'Ainda Estou Aqui', vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro: embora o volume de exportação do audiovisual brasileiro para os EUA seja baixo, existe espaço de crescimento. Acirramento da guerra tarifária causa temores

Incertezas culturais

Tarifas de Trump não afetam o cinema e as artes, mas preocupam os setores

Por Alessandra Monterastelli
(Folhapress)

O setor cultural ficou de fora do tarifaço para a importação de produtos brasileiros importado por Donald Trump, que entram em vigor nesta quinta-feira (7). Apesar do alívio, ainda é cedo para produtoras de cinema e galerias de arte respirarem despreocupadas. Isso porque o clima de tensão instaurado pelo presidente americano com o Brasil deve afetar futuras negociações nas áreas da arte e do audiovisual, nas quais a parceria com empresas americanas é cotidiana e vital.

Segundo a Pesquisa Setorial do Mercado da Arte do ano passado, os Estados Unidos foram o destino de 56% do total de exportações de galerias brasileiras em 2023. A tendência vem crescendo

nos últimos anos - em 2016, esse percentual era de 48%. A insegurança econômica despertada pela guerra comercial freia possíveis compradores de arte, diz Thiago Gomide, dono da galeria paulistana Gomide & Co e membro da Associação de Galerias de Arte do Brasil. Os colecionadores, pessoas abastadas e gestoras de outros negócios, possivelmente em áreas afetadas pelo tarifaço, preferem se dedicar a investimentos mais seguros em momentos de crise. "Doadores ficam mais tímidos também de dar dinheiro aos museus, por medo de represálias", afirma. Ele diz que há uma preocupação geral do setor com os cortes de verba do governo Trump para museus americanos, clientes das galerias brasileiras que devem diminuir aquisições.

Embora a exportação de filmes brasileiros seja ainda baixa, profis-

sionais da indústria cinematográfica americana afirmaram à reportagem, em condição de anonimato, que há receio em relação à resposta de Lula, devido a uma cláusula na Lei da Reciprocidade que prevê a quebra de direitos autorais de produtos importados pelo Brasil - como todo produto temático vindo de alguma franquia dos cinemas ou do streaming.

Embora a chance de Lula recorrer a esta medida seja vista como remota, teme-se que a erosão da relação entre os dois países possa fazer com que Lula acelere a regulamentação do streaming no Brasil. É o que afirma Mauro Garcia, presidente da Brasil Audiovisual Independente, associação que reúne 600 produtoras nacionais. "O Brasil não é um exportador de audiovisual, mas ocupamos bem o mercado interno na última safra, nesse declínio do cinema americano", diz ele. A regulamentação obrigaria empresas de lá, como Netflix e Prime Video, a dar contribuições maiores para o desenvolvimento do audiovisual brasileiro. O republicano, por sua vez, pode tentar interferir na regulamentação do streaming, na visão de Garcia. "Ele pode, por exemplo, aplicar mais tarifas como represália, para defender as big techs", especula.

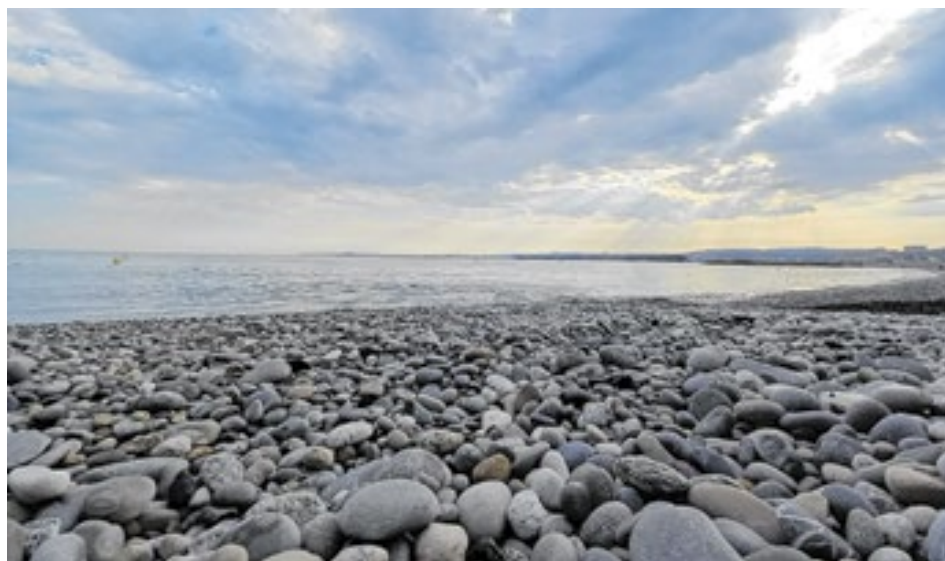
Fotos/Divulgação



As formas geométricas de Mica Barbot se inspiram nos calçadões e praças das cidades-irmãs. As lentes de Marcela Wirá e Kadão Costa revelam encontros entre urbano e natureza, entre silhuetas cariocas e mediterrâneas

Uma **ponte** para Nice

Mostra reúne quatro artistas brasileiros em diálogo visual e sonoro entre os litorais carioca e francês



As galerias Dobra e ArtNova promovem na Fábrica Bhering “Do Rio a Nice: Encontro de Litorais”, exposição que estabelece pontes culturais entre o Rio de Janeiro e a cidade francesa através de linguagens visuais e sonoras. A mostra reúne trabalhos de quatro artistas que exploram as conexões simbólicas entre estes dois importantes centros urbanos costeiros. O mar surge como elemento unificador das obras não apenas como paisagem, mas como símbolo de conexões do passado e do presente.

O projeto nasceu durante o Festival de Cultura Brasileira Fête de Yemanjá, realizado na Riviera Francesa, onde a exposição teve sua primeira apresentação. Agora em solo brasileiro, a mostra propõe uma reflexão sobre identidades urbanas, paisagens litorâneas e memórias afetivas que transcendem fronteiras geográficas.

Mica Barbot contribui com obras que dialogam diretamente com a arquitetura urbana das duas cidades. Suas formas geométricas encontram inspiração nos icônicos calçadões de Copacabana e Ipanema, estabelecendo paralelos visuais com as

praças e passeios públicos de Nice. A artista explora como elementos arquitetônicos podem funcionar como códigos visuais compartilhados entre culturas distintas.

A fotografia assume papel central através dos trabalhos de Marcela Wirá e Kadão Costa, que capturam encontros entre o urbano e o natural característicos de ambas as cidades. Suas lentes revelam silhuetas que poderiam pertencer tanto ao litoral carioca quanto ao mediterrâneo, evidenciando como certas experiências visuais transcendem especificidades geográficas.

A dimensão sonora fica por conta de

Pollyanna Ferrari, que desenvolveu trilha original especialmente para a exposição. Suas composições “Meu Rio”, “A Maré” e “Caminhos do Rio pro Mar” costuram as diferentes linguagens visuais através de uma brasilidade que dialoga com sonoridades universais.

SERVIÇO

DO RIO A NICE: ENCONTRO DE LITORAIS

Fábrica Bhering (Rua Orestes, 28, Santo Cristo)

Até 30/8, de terça a sexta (12h30 às 17h) e sábados (10h às 18h)

CUMBUCO | CE

TOUROS | RN

ECO RESORT DO CABO | PE



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!



ALAGOAS | AL

MARES | BA

ECO RESORT DE ANGRA | RJ